

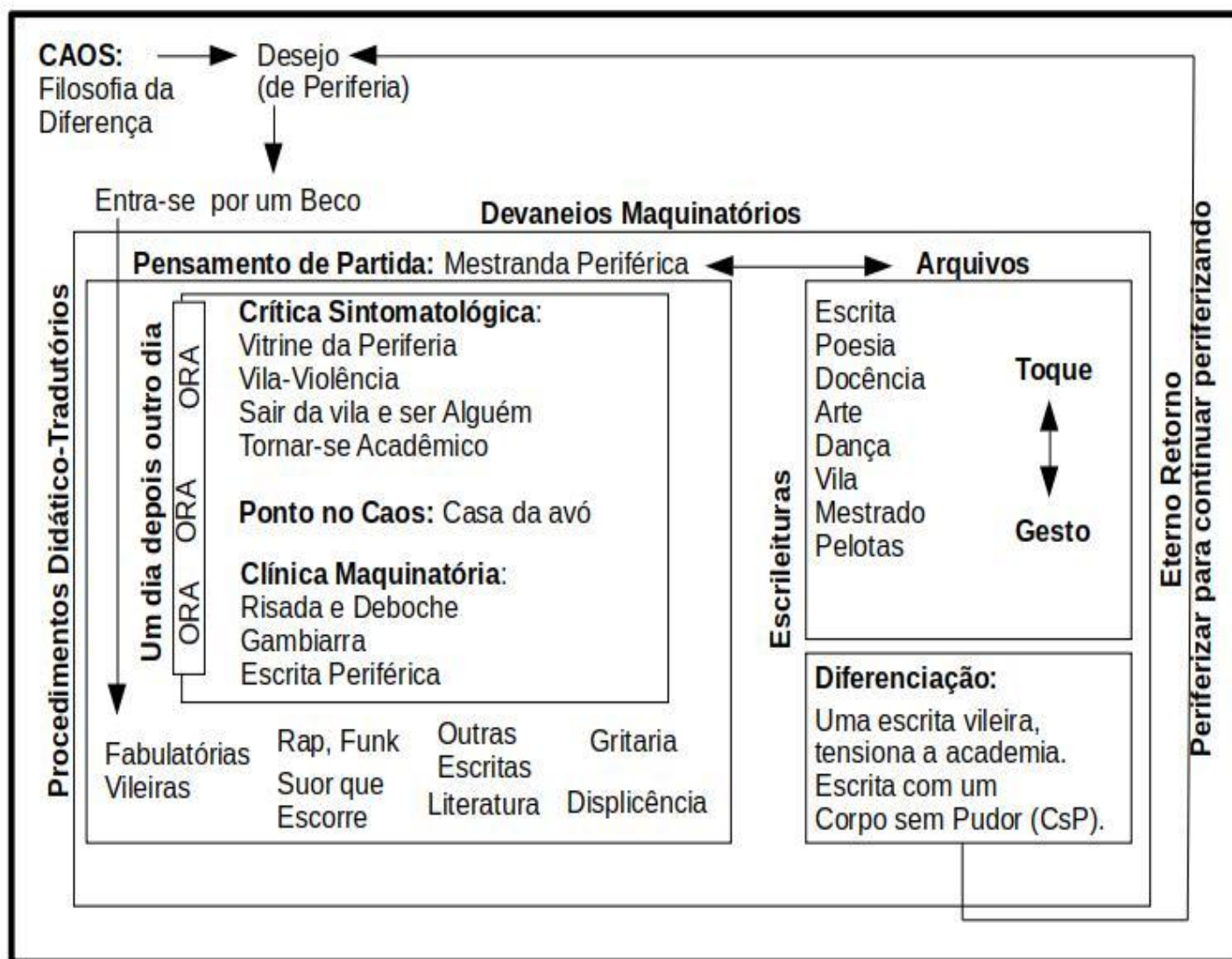


PTT CAPES

**DIAGRAMAÇÃO DO CONCEITO DE UMA ESCRITA
PERIFÉRICA**

Gabriela Ângela Moroni
Róger Albernaz De Araujo

Pelotas, 2025



*** Referente a Dissertação de Mestrado intitulada “MAQUINATÓRIAS PERIFÉRICAS: Corpo – suor, deboche e gritaria, defendida em 1º de agosto de 2025, junto ao Programa de Pós-graduação em Educação – PPGEdu, Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia – MPET*

Um vileiro entra porta adentro da academia. Foragido, escondido, não sabe como chegou ali, mas encontra quem o deixe ficar. Ainda assim, incomoda, gesticula, fala alto, entre um tiro e um tá. **Um caos de conceitos:** a Filosofia da Diferença (p. 19) sai chutando tudo que conheceu até ali. Um coração abre-se como uma vala, não há nada a perder, batuca no corpo um **Desejo de Periferia** (p. 38).

Entra-se, então, na pesquisa **por um beco**. (p. 48). **Devaneios Maquinatórios (p. 36)**, tensão entre uma escrita acadêmica e outra vileira. **Uma Mestranda Periférica, um pensamento de Partida**: “Há de sair da vila para entrar em uma escrita? Caberia a periferia na academia?”, (p. 36). Atira-se numa aventura maquinatória de pesquisa” (p.36). Nada como um dia, após o outro dia.

Ora, sentimentos estranhos reviram-se em **Crítica, Vitrine Sintomatológica** (p. 40) da Vila, a Vila-Violência e uma mídia que sobrevive nesse espelho. “É preciso sair da vila pra ser “Alguém” (p. 10), um anjinho sentado no ombro, não cansa de repetir, “estudar é revolução” (p.53).

Ora, **um ponto no caos**, “Na casa mofada da avó [onde] novas perguntas vão surgindo” (p. 25), potencializam que “Uma pesquisa espi[e]”(p. 25) e questione “Qual a potência do afecto que afeta a periferia?” (p. 25). “Como se alastra uma sabedoria que escorre dum corpo vileiro?” (p. 26). Uma vileira que saiu da vila e chegou à academia, entre neuroses e esquizofrenias, retorna aos causos, cheiros e sensações. Como quem todos os dias acorda a mesma hora, come o mesmo pão com café (p. 69), toma o mesmo ônibus lotado, enquanto a cabeça se revira em sensações sem nome.

Ora, rabiscando no canto do texto, ensaia-se uma **Clínica Maquinatória**, punhados de saúde, quando “outra [literatura] ainda menor, desafinada, (...) se ramifica por baixo da terra da vila” (p. 27) vai surgindo. Manifesta-se por “Saberes gritões, estabanados, periféricos [que] tensionam conhecimentos moleculares acadêmicos.” (p. 27).

Ao “**Tocar** nas matérias, **arquivos**.” (p. 36), a pesquisadora “percebe o quanto foram os afectos e perceptos, arquivos que levava em seu corpo, (...) [que] criaram caminhos em sua prática pedagógica.” (p. 31). Assim também como “arquivizações de momentos-escola que, no improviso de uma aula” (p. 32) potencializaram “maiores afectos [que] criavam-se quando as teorias não eram aplicadas” (p. 32). E “índices indicam arquivos, que se alastram não se sabe dizer para onde” (p. 36). Uma artista sem palco, nem picadeiro, vileira

longe da vila, poeta sem rima, longe da mãe e da avó resolve dançar a própria vida, (p.18) **escribendo** o que lhe atravessa.

A **Saúde** aparece em registrar os “desafinos, os gemidos, os resmungos”. E procurar por “Onde se escondem os ruídos, e a raiva e as paixões do que fora enquadrado? O que se aprende da periferia, o que um corpo torna periférico em si para enquadrar-se? Para onde e com que consistência escorre a vila em cada um?” (p. 37).

Aqui, ali vão ramificando letras, que se tornam outras letras de palavras, de funk, de rap, de literatura e de gritaria, que escorrem displicentes como suor em **Fabulatórias Vileiras**, aparecidas, escondidas, roubadas e até mesmo escritas por todo o texto.

Gestualiza-se, “uma escrita motivada pelo desejo, sem mapa prévio, [que] articula-se ao Método Maquinatório de Pesquisa para compor com o que vai ramificando-se pela trajetória da escrita, sem uma hierarquia que determine qual o regime de verdade que se estabelecerá,” (p.38).

Acontece, então, “uma **poética periférica, gambiarra, diferenciação**: um modo de pesquisa através dos desajustes (...) [que] são possibilidades de saúde, de desejo, de potência de vida” (p. 40). Considera-se que “talvez haja algo que escorra de saúde, em cada tentativa falha de salvar a favela.” (p. 41), que “Há ainda, algum signo mundano, não-simbólico na perifa. Algo que não tem nome, nem conceito, que, além de geográfico, habita os corpos sem órgãos de cada relação,” (p.43).

Há um movimento de **eterno retorno**, mas ainda que “a vida repita e repita e repita, uma musiquinha cantarola lá no fundo da mente,” (p. 44), “formiga no corpo um desejo sem nome, sem definição. Não sei de quê. Abre-se os olhos, traça-se uma nova linha” (p. 45) e “na potência de sua trajetória, vai inventando novos modos de ser.”, pois “O que um vileiro mais pode, é poder”, já que há “Espaço para a não-ordenação, há poucos estratos na

gambiarra vileira.” (p. 49). Um Periferizar para continuar Periferizando: resistência na insistência.

Uma escrita **acadêmica-periférica** acontece com um **Corpo sem Pudor** (p. 56) de pesquisa, compondo-se “nessa estrada de indo e vindo, e tantos “puta-que-paris”, caminhando e recaminhando em seu próprio deserto, [onde] formam-se pequenas ruelas e becos, linhas de fuga” (p. 51), “Que se afastam do meio, do centro, do falo disciplinador. Um menor.” (p. 57) Há necessidade de “Mais do que procurar, estar, mergulhar, viver em seu próprio “subdesenvolvimento”, vivê-lo intenso.” (p. 70), pois há “na intensidade do tédio dos dias, potência de vida no cansaço.” (p. 72).

Algo acontece, “Não há tradução para um grito louco, para uma risada gorda e para uma conversa inconveniente. Um [próximo] desejo transborda num berro preso, indomável, periférico, que se solta tanto pela boca como pelos braços como pelo corpo, se espalha pela academia, mestrado, doutorado, por paredes pichadas, pelo mundo. Verte pela falta de espaço, decência exigência, ninguém o chamou, não se parece com nada que tenha existido antes, é anômalo, inorgânico, imperfeito. Escorre pelos dedos que preenchem essas páginas.” (p. 76)

Abre-se uma nova viela, mais um buraco no muro em volta da escola, potência de que se “encontre um pequeno grunhido “anárquico” de deboche e alegria, “bastarda, disforme, demoníaca” em cada periferia dos livros de sociologia, das roupas caras, dos carros de luxo, sem propósito algum. Que cada vila insista em seu próprio tesão pela vida” (p. 76-77), “Há sempre um devir-animalesco, que foge, possui, que cheira um pouco imoral.” (p. 83), pois é “Na soltura das almas e no fluxo contínuo da vida, que se repete, repete, repete e se rompe, há vida. Na alma rompida, [que] há periferia.” (p. 86).